

COM A PALAVRA

Thiago Regal

PMI critica políticas focadas apenas no corte de gastos

Luiz Eduardo Kochhann

luiz@jornaldocomercio.com.br

Apenas o corte de gastos não vai resolver os problemas financeiros do governo estadual. O alerta é do presidente do Capítulo Rio Grande do Sul do Instituto de Gerenciamento de Projetos (PMI-RS), Thiago Regal. Segundo ele, para equilibrar as contas e, ao mesmo tempo, garantir os direitos básicos da população, o Estado precisa alcançar um novo patamar de excelência de gestão. O desafio do governador José Ivo Sartori, afirma, é passar por cima das interferências políticas, montando uma equipe profissional de gerenciamento de projetos para evitar desperdícios. “Caso contrário, vai continuar jogando dinheiro no lixo”, acredita.

Regal destaca a relevância do gerenciamento de projetos, principalmente, em momentos de escassez e defende a aplicação de boas práticas em pequenas e grandes empresas e em entidades públicas e privadas. O PMI (do inglês Project Management Institute) é uma instituição global, fundada em 1969 e presente em mais de 200 países. No Brasil, está representada em 15 estados.

JC Empresas & Negócios - Como se dá o diálogo entre o PMI e o setor empresarial?

Thiago Regal - Temos uma aproximação institucional muito forte com executivos, tomadores de decisão e CEOs, além de oportunizar o desenvolvimento para os colaboradores. Hoje, por exemplo, temos o maior evento de gerenciamento de projetos do Brasil e um dos maiores de América Latina, com quase mil participantes, com objetivo de garantir a excelência em gerenciamento de projetos e promoção de networking.

Empresas & Negócios - Como as empresas podem se valer do gerenciamento de projetos para alavancar seus negócios?

Regal - Se as empresas e as pessoas tiverem dinheiro e tempo infinitos, não precisaríamos de gerenciamento de projetos. Como esse não é o caso, é necessário utilizar um conjunto de práticas, processos e ferramentas para garantir que projetos sejam entregues dentro do prazo e do custo planejado. Afinal, todo projeto, independente da área, lida com variantes parecidas: custos, tempo, atualidade, riscos, mudanças. Os megaeventos realizados no Brasil servem como exemplo. Houve

casos de estádios que deveriam custar R\$ 500 milhões, mas saíram por R\$ 2 bilhões. Outras obras nem ficaram prontas. O gerenciamento de projetos existe para evitar esse tipo de situação, fazendo uma gestão proativa dos riscos e de todos os fatores que podem afetar a entrega. Isso é particularmente importante em um cenário de escassez.

Empresas & Negócios - Um cenário como o apresentado pelo governo para as finanças estaduais?

Regal - José Ivo Sartori assumiu e falou, em determinado momento, em “fábrica de projetos”. É um termo parecido com “escritório de projetos”, termo muito utilizado na área de gerenciamento de projetos. São organizações que ajudam a estruturar melhor os seus projetos e a lidar com cenários de escassez. O governo do Estado, com os cortes anunciados devido aos déficits nas contas, precisa montar uma estratégia e utilizar ferramentas de gestão para determinar pontos mais importantes dentro da sua atuação.

Empresas & Negócios - Nesse sentido, como você avalia a atuação do governo de Sartori?

Regal - Nesse caso, o problema é que só cortar custos não adianta. Afinal, o governo tem um papel que precisa ser cumprido: prover serviços básicos e garantir a manutenção de direitos da população. Uma boa estratégia para o governo do Estado seria utilizar ferramentas de gestão para direcionar o dinheiro de maneira adequada, uma vez que só boa vontade não resolve o problema. Mas, para isso, é preciso montar uma estrutura muito mais profissional de gestão do que ele tem hoje. O governador não vai conseguir

resolver os problemas apenas cortando gastos. Se não traduzir a estratégia dele em projetos e na maneira como são executados, vai continuar jogando dinheiro no lixo. Se quiser ser efetivo nesse cenário de escassez, o governo estadual precisa ir para um próximo nível em termos de excelência de gestão.

Empresas & Negócios - Existem condições para atingir esse nível? O que precisaria ser feito?

Regal - Hoje, o Rio Grande do Sul tem profissionais muito bons na



Executivo destaca a importância do gerenciamento de projetos, tanto na área pública quanto na corporativa

área, com expertise e conhecimento técnico. É um preciso abrir um canal de diálogo com esse público. O primeiro aspecto é entender onde aplicar recursos, quais investimentos são prioritários. Mas quando falamos de governo, existem muitos interlocutores para indicar o que é mais ou menos prioritário. E, quando falamos em boas práticas de gestão, as interferências políticas precisam ser diminuídas. Em seguida, é necessário garantir que os projetos sejam planejados e executados adequadamente. Não

se pode aceitar que uma obra que deveria custar R\$ 50 mil e demorar seis meses para ficar pronta saia por R\$ 100 mil e demore dois anos. O nosso dinheiro que deveria ser utilizado de maneira eficiente em resultados, é investido de uma maneira muito pobre do ponto de vista de gestão. Aceitamos que o projeto demore o dobro do tempo e custe o triplo do dinheiro.

Empresas & Negócios - São as interferências políticas que impedem que as boas práticas de gerenciamento de projetos cheguem ao poder público?

Regal - Não apenas isso. Em primeiro lugar, entra o desconhecimento. Os tomadores de decisão na esfera pública e privada não

têm conhecimento suficiente da existência dessa área. Ou não a entendem como prioridade. Empresas e governos que não fazem gerenciamento de riscos, têm perdas 20% maiores. Da mesma maneira, organizações que não utilizam boas práticas de gestão de projetos desperdiçam 11% do dinheiro. Ou seja, antes de começar a execução, 11% está no lixo. Não podemos aceitar isso do poder público. Precisamos de uma mudança de cultura que não aceite esse desperdício. Existe um conjunto de conhecimentos, profissionais e ferramentas relativas ao assunto. Sem usar esse atores, as coisas vão continuar como estão.

Empresas & Negócios - Como está essa situação em outros países?

Regal - A má gestão não é uma exclusividade brasileira, mas algumas áreas são referências, como a tecnologia da informação, a indústria aeroespacial, militar e automotiva.

Empresas & Negócios - Alguma especificidade para essas áreas se destacarem?

Regal - Elas adotaram antes, pois o impacto das perdas nesses setores é muito grande. Antes de perder bilhões de dólares, reservam uma fração disso para fazer uma boa gestão. Estamos em um mundo globalizado, onde a concorrência é mundial, então, é necessário aplicar gestão para concorrer. A situação do Brasil é um exemplo disso. Estamos em uma crise com vários fatores para serem

ajustados. Mas não podemos apenas esperar do governo. As nossas empresas, seja na indústria ou no comércio, tem condições de dar um salto de qualidade na gestão.

Empresas & Negócios - Até que ponto as empresas privadas no Brasil dão importância ao gerenciamento de projetos e quanto podem avançar?

Regal - Vemos um crescimento bem acentuado da preocupação com o gerenciamento, justamente por causa do aumento da concorrência em nível global. Mas ainda há um espaço gigantesco para crescimento. Atualmente, 36% dos projetos são falhos, uma fatia muito alta. Além disso, em se tratando de iniciativa estratégica, quando uma empresa quer abocanhar uma fatia maior de mercado, 44% das suas ações nesse sentido falham. Além disso, há um gap enorme de profissionais no setor. Nossas pesquisas indicam que vão ser necessários 13 milhões de profissionais de gerenciamento de projetos até 2020. Temos, portanto, dois focos: precisamos de bons profissionais e que as empresas entendam a importância e passem a investir.

Como o gerenciamento de projetos pode ser útil para uma pequena empresa?

Regal - Os padrões, como os do PMI, são facilmente adaptáveis a diferentes realidades. Temos um conjunto de processos e ferramentas. Se eu tenho uma empresa com projetos pequenos e poucos riscos, posso escolher apenas os fatores que agregam valor ao meu negócio.

MARCO QUINTANA/JC